

ESCUTAR PARA TRANSFORMAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Listening to Transform: An Account of Internship Experiences in a Public School in the Municipality of São Paulo

Caique Santos Ferdinando –Universidade Cidade de São Paulo/Brasil
Leonardo Felipe Duarte – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Brasil

RESUMO: Este artigo é em formato de relato de experiência de estágio em Psicologia realizada em uma escola pública municipal de São Paulo, por meio da utilização de rodas de conversa com adolescentes do 8º ano do Ensino Fundamental II. Seu objetivo é apresentar como ocorre o processo de escuta ativa em uma vivência de estágio. As intervenções foram ministradas em um espaço de escuta e acolhimento frente aos desafios emocionais e sociais vivenciados pelos estudantes. Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e com enfoque bibliográfico. Para a análise dos dados utilizamos a abordagem de Minayo (2012), que busca inter-relacionar a literatura com os dados encontrados no campo do estágio. As abordagens empregadas na análise foram pautadas na Psicologia Humanista e Histórico-Cultural. Considerou-se que o projeto permitiu a expressão de emoções, o fortalecimento de vínculos e o desenvolvimento de empatia. As rodas de conversa revelaram temas sensíveis, como violência, ausência de diálogo familiar e invisibilidade emocional.

Palavras-chave: Adolescentes. Educação Pública. Psicologia Escolar. Vulnerabilidade Social.

ABSTRACT: This article is a report of a psychology internship experience conducted in a public municipal school in São Paulo, using group discussions with 8th-grade students. Its objective is to present how the process of active listening occurs in an internship setting. The interventions were conducted in a space of listening and support in the face of the emotional and social challenges experienced by the students. This is a qualitative, descriptive study with a bibliographic focus. For data analysis, we used Minayo's (2012) approach, which seeks to interrelate the literature with the data found in the internship field. The approaches employed in the analysis were based on Humanistic and Historical-Cultural Psychology. It was considered that the project allowed for the expression of emotions, the strengthening of bonds, and the development of empathy. The group discussions revealed sensitive themes such as violence, lack of family dialogue, and emotional invisibility.

Keywords: Adolescents. Public Education. School Psychology. Social Vulnerability.

1. INTRODUÇÃO

Trata-se de um relato de experiência de estágio do curso de Psicologia, vinculado à Universidade Nove de Julho (UNINOVE), que foi realizado em uma escola pública da rede municipal de São Paulo¹. Os estagiários foram recebidos com o auxílio do coordenador da escola e de três estudantes que atualmente fazem parte da comissão estudantil. Eles tiveram a oportunidade de conhecer a estrutura e o funcionamento da escola, que se baseia no modelo da Escola da Ponte², criada em Portugal.

A escola começou a implementar esse modelo em 1995, com a chegada do diretor Braz Nogueira. Inspirado pelos princípios da Escola da Ponte, propôs uma nova concepção de escola pública, fundamentada na autonomia, solidariedade e responsabilidade. A escola incorporou ainda duas ideias centrais: “tudo passa pela educação” e o conceito de “Bairro Educador”, reforçando a integração entre escola, comunidade e território (Dietrich, 2013; Pinto, 2023).

Entre os principais recursos pedagógicos utilizados no cotidiano da escola destacam-se: os roteiros de estudos e os salões de aprendizagem, onde os alunos se organizam em grupos de quatro, junto das comissões mediadoras, e a República de Estudantes, que representa e articula as vozes discentes dentro da gestão escolar (Cury, 2007).

Outro aspecto marcante é a realização de assembleias, nas quais estudantes e educadores debatem e votam coletivamente os combinados e regras de convivência. Essa prática democrática e, de acordo com Cury (2007), participativa visa garantir os direitos e deveres de todos, fortalecendo o senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada.

Interagimos com estudantes do 8º ano do ensino fundamental II, predominantemente adolescentes entre 12 e 13 anos, que vivem em um contexto urbano e, de acordo com a Fundação Seade, a vulnerabilidade social nesse bairro é classificada como média em 61,55% e muito alta em 32,87%, considerada alta, índice este relacionado à pobreza e à miséria (Fantón, 2025).

Segundo Alessi (2009), os jovens em seu dia a dia enfrentam variados desafios, como a exposição à violência, o uso de substâncias psicoativas, além de situações de instabilidade familiar que possivelmente impactam seu desenvolvimento educacional, social e emocional. Diante disso, a escola se transforma em um espaço essencial de apoio,

escuta e formação integral, de maneira que esse sujeito passe a integrar a sociedade de uma forma mais plural (Araujo, 2021).

Sendo assim, a pesquisa se propõe a apresentar como ocorre o processo de escuta ativa em uma vivência de estágio, na qual estabelecemos como problema de pesquisa a seguinte pergunta: de que maneira os estudantes podem ser escutados? Como essa experiência de estágio impactou na vivência e criação de vínculos?

Justifica-se a escrita deste estudo com a intenção de compartilhar essa experiência, que é de grande importância por se tratar de uma prática que possibilita o exercício da escuta ativa, da criação de vínculo afetivo e da mediação de conflitos, aspectos essenciais à Psicologia e que, por muitas vezes, é uma prática à qual a maior parte das pessoas não tem acesso, devido às realidades nas quais estão inseridas.

2. MATERIAL E MÉTODO

Esta é uma pesquisa do tipo descritiva, de abordagem qualitativa. As pesquisas qualitativas visam promover o processo de captação da diversidade da sociedade que, de acordo com Flick (2009), está voltado ao processo de aprendizagem por meio das práticas sociais. Gatti (2021) diz que a pesquisa realizada no meio educacional serve:

[...] para ampliar e diversificar os conhecimentos na área da educação, e, completo, consequentemente para os conhecimentos voltados à docência. Na maioria das vezes, com foco mais delimitado, esses métodos permitem aproximação mais profunda em relação às formações, aos processos culturais, aos de aprendizagens, adentrando em questões do cotidiano escolar, explorando situações diversas (Gatti, 2021, p.51).

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica no Google Acadêmico. A pesquisa foi feita por meio das seguintes palavras-chave: “Psicologia Escolar”; “Rodas de Conversa”; “Adolescentes”; “Vulnerabilidade Social”; “Educação Pública”. Os critérios de seleção dos estudos foram a proximidade com o tema, o índice H e conter ao menos três das palavras-chave. A seleção foi feita pela leitura do tema e do resumo das obras.

Encontramos 280 artigos relacionados com o tema. Por ser um número grande, selecionamos a opção: “artigo revisado por pares” e a área de conhecimento “psicologia”. Encontramos um resultado de 22 artigos; destes, selecionamos 15 que tiveram maior proximidade com o tema e que teriam efeito na análise dos dados.

Depois de feita a seleção, foi realizada a leitura integral de todos os estudos e procedeu-se à análise dos artigos e dos dados do relato de experiência, tendo por base a análise interpretativa de Minayo (2012). Além da pesquisa bibliográfica foi feito um relato de experiência do estágio em psicologia realizado na instituição de ensino fundamental II da rede pública municipal. Essa experiência de estágio partiu de encontros que aconteceram semanalmente, com grupos previamente formados pela instituição, com o objetivo de fortalecer vínculos entre os participantes e criar um ambiente acolhedor e seguro para a escuta e troca de experiências entre pares.

As rodas de conversa tem a intenção de ser um espaço de escuta, acolhimento e reflexão sobre temas significativos do cotidiano dos adolescentes. As salas eram organizadas com as cadeiras em círculo, permitindo que cada adolescente escolhesse onde se sentar, e as conversas eram conduzidas de forma aberta e receptiva aos temas que eram trazidos pelos próprios estudantes.

A metodologia adotada nas reuniões foi aberta e participativa de Furlan (2008) que se propõe a valorizar a escuta ativa e o envolvimento dos participantes em todas as etapas. As atividades foram conduzidas por meio de dinâmicas lúdicas e reflexivas, com o intuito de facilitar a expressão de sentimentos, o pensamento crítico e a construção coletiva de saberes.

Durante o planejamento das rodas, não foram utilizadas diretamente autores e referenciais teóricos estruturados, as decisões foram em sua grande parte tomadas pela escuta da realidade da escola, pelas necessidades percebidas e compartilhadas pelos alunos e pelas orientações recebidas em supervisão. As escolhas dos temas das dinâmicas foram pensadas de maneira prática, com base na sensibilidade diante das falas dos alunos e na tentativa de construção de um ambiente de confiança e expressão.

A pesquisa seguiu os padrões éticos de pesquisa estabelecido pela Resolução CNS nº 510 de 2016 do Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos (CEP) e buscou garantir o sigilo e o anonimato dos participantes e da instituição de ensino credenciada a Universidade Nove de Julho (UNINOVE) a qual esse estágio foi implementado.

A análise dos dados foi realizada seguindo o referencial de Minayo (2012) que propõe a realização do processo de análise interpretativa. Esta análise consiste em fazer uma inter-relação entre os dados coletados da bibliografia e os dados empíricos do estágio. O processo de análise das entrevistas seguirá terá como aporte teórico a teoria histórico-cultural e da Psicologia Humanista que compreendem a mediação e que o

processo de interação são fundamentais para que aconteça a apropriação dos conceitos fundamentais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão da trajetória da Psicologia Escolar é fundamental para compreendermos o relato de experiência que será apresentado neste trabalho. Para tanto, é necessário observar o passo a passo da ciência e como a consolidação do capitalismo se intensificou por meio da transformação dos modos de produção e das relações de poder que estabelecem as subjetividades (Carvalho; Silva, 2023).

Tendo em mente essas transformações, será possível compreender a Psicologia Escolar no âmbito da escola. Sendo assim, define-se a Psicologia Escolar como uma área da Psicologia que “[...] se interessa pelo modo como a escolaridade afeta as crianças em geral e o aluno em interação com uma escola específica. A especialidade necessita de conhecimentos e pesquisas que envolvam educando e outros” (Costa; Souza; Roncaglio, 1995).

A Psicologia, quando aplicada à educação, possibilita que sejam estabelecidos, para ambos os lados, esquemas lógicos diferentes. Da mesma forma, ambas não podem ser desvinculadas, já que os processos psicológicos são essenciais nesse contexto, pois influenciam nos processos de mudança da aprendizagem das pessoas e nos fatores situacionais das atividades educacionais, que se relacionam de maneira direta ou indireta com os processos de transformação do sujeito.

A ideia de que, no decorrer da vida, acontecem diferentes evoluções para a formação de pessoas adultas advém da teoria de Vigotski, na qual podemos identificar que a formação da consciência permeia diferentes relações entre pensamento, linguagem e desenvolvimento, além de seus significados e emoções. Destaca-se que o pensamento tem sua origem, para o autor, por meio da interação social e da aquisição da linguagem, na qual o sujeito interage com o mundo exterior e apropria-se das ideias, adquirindo pensamento (Carvalho; Silva, 2023).

Dessa forma, é importante compreender o papel do psicólogo na escola, de modo a relacionar a ideia dos processos de formação do sujeito, compreensão e escuta ativa.

Tais aspectos serão descritos na próxima seção, com a intenção de proporcionar ao leitor esse conhecimento.

3.1 O papel do psicólogo na escola

Ultimamente, a educação tem recorrido à Psicologia como um dos campos de atuação, o que abriu espaço para que essa área possa estar inserida no ambiente escolar, ampliando sua função para o ambiente desafiador que é a escola, com vistas a acompanhar, avaliar e orientar a atuação dos professores no atendimento e acolhimento dos estudantes (Carvalho; Silva, 2023).

Com base em Cury (2007) e em Carvalho e Silva (2023), a educação brasileira traz seus desafios e problemas, e estes estão, em suma, relacionados à instituição que exerce alguns riscos no desenvolvimento da identidade do estudante, o qual se transforma de acordo com o meio e a condição familiar. Isso influencia tanto na questão econômica quanto nos aspectos culturais, assim como no cotidiano, já que é nele que ocorre o desenvolvimento das pessoas.

A equipe pedagógica, ao buscar atender os estudantes e orientá-los no processo de ensino-aprendizagem, implementa a proposta educacional da escola. Dessa forma, a equipe coordena e projeta as ações pedagógicas e elabora uma ponte entre professores, estudantes, famílias e direção. Mesmo assim, essa equipe não tem o preparo adequado (Gatti, 2010) para lidar com as diferentes situações, inclusive as psicológicas, dos estudantes e de toda a equipe da instituição de ensino. Sendo assim, é imprescindível a presença de um profissional da Psicologia que, com seu conhecimento e preparo profissional, ofertará ao contexto escolar os subsídios necessários para esse ofício (Carvalho; Silva, 2023).

O psicólogo visa realizar uma revisão crítica dos conhecimentos acumulados pela Psicologia enquanto ciência, assim como se vale da Pedagogia e da Filosofia da Educação como possibilidade de contribuição para o estabelecimento da Psicologia e da Educação (Tanamachi, 2002).

Dessa forma, o profissional de Psicologia Escolar é essencial no processo educacional, já que ele visa orientar, prevenir e alertar tanto estudantes como professores sobre diferentes temas do cenário atual, tais como “bullying, gravidez na adolescência, autoconhecimento, ansiedade, depressão, suicídio, drogas, relacionamento familiar, processo de maturação, futuro e muitos outros assuntos que são pertinentes no contexto

em que vivem” (Carvalho; Silva, 2023, p. 4). Sendo assim, o profissional de Psicologia executa uma função de grande importância para a melhoria do rendimento e aproveitamento dos estudantes.

3.2 A adolescência

A adolescência faz parte do processo de maturação do ser humano, que permite ao sujeito as “mudanças físicas, cognitivas e psicossociais” (Carvalho; Silva, 2023, p. 4), sendo a transição no processo de desenvolvimento entre a infância e a vida adulta. O processo de maturação é perceptível, em especial na puberdade, que é o processo no qual o sujeito atinge a maturidade sexual e a capacidade de se reproduzir; essa habilidade é resultado da produção de diferentes hormônios. Segundo Papalia (2013), a intensa emotividade e a instabilidade do humor no início da adolescência são observações relevantes desse processo.

O estirão do adolescente é um dos termos que se fundamentam em um aumento na “altura, peso, musculatura e ossatura” de forma rápida, que acontece na puberdade. Em geral, essa fase se inicia por volta dos 9 anos e meio e perdura até os 18 anos, após o jovem atingir a maturidade sexual (Carvalho; Silva, 2023, p. 5).

Biologicamente, o amadurecimento dos órgãos reprodutores nas meninas acontece no início da menstruação, entre os 9 e 16 anos, e a produção de esperma nos meninos ocorre na mesma faixa etária. Para Papalia (2013), os diferentes efeitos da maturação precoce ou tardia, na maioria das vezes, são negativos quando os sujeitos são menos desenvolvidos que seus pares; quando não entendem as alterações como vantajosas; e quando os diferentes eventos acabam por ser estressantes, tais como a chegada da puberdade e o processo de transição para o ensino fundamental II, que ocorrem quase nesse mesmo tempo.

Sendo assim, a adolescência foi introduzida na sociedade desde o final do século XX, definindo-se como um estágio de vida. Aponta-se que, na adolescência, o sujeito passa a maior parte do tempo em seu próprio universo, descobrindo-se e desconstruindo ideias a respeito da vida (Carvalho; Silva, 2023, p. 5).

Atualmente, há diferentes probabilidades e riscos que auxiliam no processo de prejudicar tanto o “bem-estar físico, social e mental”, trazendo diferentes taxas de

mortalidade que envolvem doenças como a depressão, assim como o suicídio ou homicídio (Carvalho; Silva, 2023, p. 5).

Com isso, observa-se a importância de que sejam trabalhados diferentes temas, como “violência, ansiedade e principalmente o autoconhecimento”. Assim, os profissionais da Psicologia Escolar devem se voltar para empregar diferentes atividades que ajudem no desenvolvimento e no comportamento do autoconhecimento, objetivando a promoção do bem-estar atual e futuro do sujeito (Carvalho; Silva, 2023, p. 5).

3.3 Experiência em campo

Durante a execução das atividades os temas abordados durante as rodas de conversas trouxeram algumas questões sensíveis e relevantes no cotidiano dos estudantes. Surge logo no início do debate o tema “Machismo” e a forma que ele ressoa nos participantes, a comunicação falha entre os adolescentes e os seus responsáveis, além da ausência da escuta nas relações familiares, violência, e sobre emoções difíceis de lidar, como medo, tristeza e frustração. Temas que ao serem trazidos de forma espontânea ou mediados pelas atividades propostas, trouxeram a importância da criação de espaços seguros de fala, escuta e acolhimento, onde assim, os participantes tiveram a liberdade de elaborar as suas experiências e assim, construir pouco a pouco formas de lidar com os desafios que orbitam a sua realidade.

Destaca-se com base em Duarte, Martins e Gimenez (2024) que trabalham a abordagem histórico-cultural nas escolas que as temáticas como gênero na educação são dificilmente trabalhadas na escola, já que existem diferentes estigmas relacionados e aspectos como brincadeiras de gênero e filas de gêneros são reforçadores da cultura ocidental.

A roda de conversa se transformou em um ambiente forte de elaboração coletiva do sofrimento. Diferentes participantes além de escutarem uns aos outros em sua grande maioria, auxiliaram na validação das experiências dos colegas, revelando sensibilidade e empatia. É observado que o *settin*³, simples e sem formalidades é mediado por escuta e por respeito, tornando assim possível a existência de compartilhamento das experiências individuais de cada participante, que muitas vezes permanecem silenciadas em outros ambientes.

Furlan (2008) destaca que a participação do sujeito na experiência de estágio essencial e auxilia ao futuro profissional em psicologia a criação de diferentes estratégias

para lidar com o público escolar de forma a promover a dinâmica da roda de conversa em que se trabalha a comunicação.

Destaca-se nesse contexto a importância de como a presença ou ausência da comunicação e como ela é capaz de impactar seja positiva ou negativamente no cotidiano. E por sugestão dos estudantes, trabalhamos a dinâmica “telefone sem fio”, utilizada de forma lúdica para introduzir o tema da comunicação. Os alunos perceberam de forma prática como uma mensagem pode se distorcer, no seu processo de transmissão. A atividade gerou reflexões espontâneas e profundas, em uma das participantes que comentou que não se sentia escutada pela sua responsável e se sentia invisível em sua própria casa. Esta fala reverberou nos outros participantes, que também relataram experiências de ausência de diálogo e invisibilidade dentro do ambiente familiar.

Dias, Patias e Abaid (2014) destacam que o psicólogo não deve ser aquele sujeito que traz um saber ou uma resposta pronta; mas ele deve interagir com os demais sujeitos construindo uma solução viável dentro do contexto na qual a Psicologia Escolar vai além da intervenção clínica, já que se trata de estar disponível para, junto à comunidade escolar, cultivar espaços de escuta, vínculos e significação de experiências, promovendo pertencimento e fortalecimento no ambiente escolar.

Durante o processo, os estagiários enfrentaram dilemas éticos e práticos, especialmente diante de relatos sensíveis. Sentiram, por vezes, o impulso de intervir de forma direta, mas reconheceram que através da criação de um espaço seguro de escuta foi possível atingir uma intervenção significativa. Ultrapassar os limites podem gerar falsas expectativas e possíveis danos aos que participavam do processo.

Outro desafio enfrentado, foi garantir a confidencialidade das informações compartilhadas. Reforçou-se constantemente a importância do respeito mútuo e do compromisso de manter o sigilo sobre o que era dito nas rodas, protegendo assim o espaço construído coletivamente. Salles e Castelo (2023, p.3) complementam a ideia afirmando que a “confidencialidade é uma garantia implícita dada ao paciente pelo profissional ou instituição”.

A experiência de estágio revelou um cenário cheio de vulnerabilidades sociais, como famílias desestruturadas, exposição à violência, uso de drogas e a falta de espaços para conversar e ouvir. Os próprios estudantes compartilharam de maneira espontânea as dificuldades de conversar com a família, sentimentos de invisibilidade e a falta de apoio

emocional por parte de figuras importantes, como os pais. Morais e Pimentel (2024) argumentam que o abandono caracteriza-se por ser a privação do cuidado por parte dos responsáveis e essa falta de cuidado pode ser parcial ou integral.

Ao chegar na fase da adolescência, o indivíduo se encontra com novidades a serem vividas, exigências no que se refere ao próprio desenvolvimento. Tem-se assim, uma maior necessidade de cuidados e proteção, as características intrínsecas à infância, são ocupadas pela busca de maior autonomia e afirmação da própria identidade, atividades que se transformam em mais ou menos ansiogênicas, em conformidade com os vínculos afetuosos construídos com figuras de importância na vida do adolescente (Morais; Pimentel, 2024, p.13).

Essas experiências de abandono e de não ter quem escute podem fazer com que os adolescentes busquem outras formas de se sentir acolhidos e que deem sentido às suas identidades, muitas vezes procurando isso na internet. Na web, eles encontram um espaço não só de diversão, mas também de expressão de emoções, de mostrar quem realmente são e de se conectar com outras pessoas. Mesmo assim, quando esses jovens não encontram referências positivas ao redor, acabam se voltando para conteúdo online que mostram violência, alimentando sentimentos como raiva, frustração e desamparo (Morais; Pimentel, 2024).

Guerra (2017) diz que, adolescentes que enfrentam vulnerabilidades tendem a consumir mais esse tipo de conteúdo porque se identificam com ele de alguma forma, buscando símbolos que se conectem com suas próprias experiências de vida. Muitas vezes, esses conteúdos funcionam como uma válvula de escape para emoções que não sabem lidar ou que não tiveram espaço para expressar. Além disso, eles podem dar uma sensação de que estão dizendo algo, mesmo quando se sentem invisíveis na sociedade. Na escola, práticas como rodas de conversa mostraram que criar espaços de escuta empática e de acolhimento pode ser uma estratégia importante para prevenir problemas. Essas rodas, baseadas na Psicologia Humanista e na abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers (1961), ajudam os adolescentes a entenderem o que sentem, a validar suas emoções e a se relacionarem melhor com os colegas.

A Comunicação Não-Violenta, de Marshall Rosenberg (2006), também é um recurso importante, pois oferece ferramentas para expressar emoções de forma verdadeira e para desenvolver empatia. O ambiente dessas conversas, onde o respeito é mútuo e todos escutam de verdade, acaba sendo transformador: muitos adolescentes, ao se sentirem ouvidos, conseguem pensar melhor sobre suas relações familiares e aprender a lidar com emoções difíceis.

De acordo com Vygotsky (1991), a escola tem um papel fundamental na mediação do desenvolvimento. Ela pode ajudar os jovens a internalizarem novas formas de pensar e de se comunicar, promovendo experiências que ao longo do tempo podem transformar a forma como vivem suas histórias e fortalecem suas habilidades de enfrentamento. Dessa forma, fica claro que a busca por conteúdos violentos online pelos adolescentes vulneráveis está bem relacionada à falta de espaços onde possam ser ouvidos e acolhidos de verdade. Quando a escola investe em práticas como rodas de conversa, ela se torna um espaço de mudança pessoal, promovendo sentimento de pertença, empatia e força emocional. Assim, ela ajuda a prevenir comportamentos de risco no mundo digital, ajudando esses jovens a construírem uma rotina mais saudável e equilibrada.

Ao longo do processo, embora as decisões do grupo tenham sido inicialmente práticas e sensíveis ao contexto vivido, com o tempo os pesquisadores foram reconhecendo como a sua atuação dialogava com importantes referenciais da Psicologia (Furlan, 2008).

Ao elaborar os relatos e revisitando as experiências vividas e compartilhadas, observa-se um reconhecimento de diversos conceitos da Psicologia e o quanto eles estavam presentes de forma direta nas ações tomadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar como ocorre o processo de escuta ativa em uma vivência de estágio. Para tanto, considerou-se dentre as dinâmicas empregadas que o “telefone sem fio”, que incentivou a atenção e escuta de forma divertida, e “emoções com cartelas”, que possibilitou identificar, nomear e, se desejado, compartilhar sentimentos.

Observou-se que houve engajamento expressivo dos estudantes, com relatos espontâneos e participação efetiva, trazendo vivências pessoais relacionadas aos temas discutidos. Alguns assuntos delicados surgiram de forma surpreendente, evidenciando a confiança construída no grupo. Apesar disso, uma minoria demonstrou resistência, evitando a fala ou interações com os colegas, por vezes se dispersando ou mantendo

conversas paralelas, que, embora incentivadas à integração, não foram totalmente exploradas.

A dinâmica sobre comunicação, inicialmente sugerida pelos próprios alunos, utilizou o “telefone sem fio” para ilustrar de forma prática como as mensagens podem se distorcer no processo de transmissão. A atividade gerou reflexões profundas, como o relato de uma participante que expressou sentir-se invisível em sua própria casa por não se sentir escutada. Esse depoimento reverberou no grupo, com outros adolescentes compartilhando vivências semelhantes de ausência de diálogo no ambiente familiar.

As rodas de conversa tornaram-se espaços importantes para a elaboração coletiva do sofrimento. A escuta mútua e a validação das experiências alheias demonstraram sensibilidade e empatia entre os participantes. O ambiente simples, sem formalidades, foi mediado pelo respeito e pela escuta ativa, o que favoreceu o compartilhamento de vivências muitas vezes silenciadas em outros contextos.

Os estagiários seguiram a responsabilidade ética que essas escutas exigem. Enfrentou-se os limites da atuação, mas também se observou como uma presença atenta, ética e respeitosa pode fazer diferença. Esses momentos exigem maturidade emocional, tanto para acolher quanto para manter uma postura que respeitasse nosso campo de atuação, sem prometer soluções que vão além da atribuição do psicólogo.

A experiência de estágio na instituição de ensino possibilitou a análise de grupos de forma efetiva, compreendendo seus mecanismos do ambiente, seu funcionamento e estrutura. Foi possível observar elementos do repertório bibliográfico e interrelacionar com os dados do campo. A atuação junto ao grupo de adolescentes ampliou o manejo com eles, uma vez que permitiu observar e discutir suas perspectivas, hábitos e gostos.

Também foi possível ampliar os debates que surgiram durante as rodas de conversa, isso possibilitou a realização de pesquisas bibliográficas de forma a embasar o objeto de estudo na qual nos debruçamos em compreender.

Destaca-se que por meio das vivências ocorridas ao longo do estágio, foi possível atingir o objetivo dessa proposta de apresentação dos resultados. No entanto, entendemos que a mudança dos participantes seria por meio da ampliação das possibilidades de encontros contínuos, uma vez que estivemos sujeitos ao calendário escolar, além de intervenções que limitaram o efeito de um acompanhamento mais regular.

Ressalta-se a importância de estar bem alinhado com o grupo de docentes, por meio da realização de reuniões periódicas para ampliar os efeitos das rodas de conversa.

Isso permitirá o aprofundamento dos debates e temas que mais emergirem, os quais poderão ser abordados por meio de exercícios, trabalhos pedagógicos e outras formas de diálogo com os alunos.

Essa experiência contribui significativamente para a formação em Psicologia, pois permite observar as variáveis que permeiam o comportamento dos adolescentes, compreendendo o ambiente físico e social ao qual estão inseridos. Dessa forma, torna-se possível realizar intervenções mais assertivas, além de promover conhecimento e visibilidade para esse grupo social específico.

Este estudo não se esgota aqui, mas é apenas uma tentativa de entender um problema e expor tais aspectos, deixando importantes lacunas para possíveis investidas que possam ser investigadas por futuros pesquisadores.

Notas de rodapé

¹ Como forma de preservar a identidade dos participantes e da instituição, seguiu-se as estratégias descritas na Resolução CNS nº 510 de 2016 que visa estabelecer o anonimato dos participantes e do *locus* de pesquisa.

² A Escola da Ponte é uma instituição pública que propõe uma ruptura com o modelo tradicional: nela, os alunos não são divididos por séries nem por turmas fixas. Estudantes com necessidades especiais convivem e aprendem com os demais, em um ambiente centrado na biblioteca, considerada o coração da escola. Cada aluno, bem como a maioria dos orientadores educativos, assume responsabilidades sobre aspectos do cotidiano escolar. Os educadores acompanham os estudantes de forma individualizada, promovendo sua autonomia e incentivando a compreensão do porquê e para quê estudar.

³ O setting contempla arranjos práticos para a realização do trabalho, mas é também um conceito psicológico que inclui uma visão do que acontece dentro dele &– da moldura &– de modo diferente do que acontece fora. A par disso, mas não de menor importância, o setting se constitui como um objeto internalizado, estreitamente ligado ao vértice e à função analítica. O esclarecimento necessário dos arranjos práticos é um dos pilares da moldura dentro da qual se desenhará em infinitas direções, o encontro de duas mentes, a do profissional e a de seu paciente, em busca de realização. De um ponto de vista prático, Etchegoyen (1987), entre outros, destaca a constituição do setting a partir da combinação da proposta do trabalho com o paciente (Migliavacca, 2008, p.4-5).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, N. **Formam-se favelas e ganham importância no cenário urbano São Paulo: Heliópolis e Paraisópolis.** Dissertação de Mestrado em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 169 p., 2009.

ARAUJO, J. Escola na favela e seu papel estruturador do espaço urbano: imposição do espaço escolar e sua relação dentro das comunidades de São Paulo. **Anais V Jornada Discente PPGAU**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, outubro de 2021. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/6-pos-graduacao/upm->

[higienopolis/mestrado-doutorado/arquitetura-urbanismo/V_Jornada_discente_Mesa3_15.pdf](#). Acesso em: 02 jun. 2025.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Conselho Nacional de Saúde (CNS). 07 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025.

CARVALHO, M.; SILVA, A. Relato de experiência de estágio em psicologia escolar: trabalhando com alunos de ensino médio da rede pública estadual. **Anais do 21º Encontro Científico Cultural Interinstitucional**, 2023, ISSN 1980-7406.

COSTA, C. R de; SOUZA, I. E. R de; RONCAGLIO, S. M. **Momentos em Psicologia Escolar**. Curitiba: Pinha, 1995.

CURY, J. A gestão democrática na escola e o direito à educação. **RBPAAE**, v.23, n.3, p. 483-495, set./dez. 2007.

DIAS, A.; PATIAS, N.; ABAID, J. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. V. 18, N. 1, Janeiro/Abril de 2014: 105-111.

DIETRICH, J. Bairro Educador Heliópolis entende a comunidade como uma grande escola. **Centro de Referência em Educação Integral**. Comunidade Educação no Território, publicado em: 27/08/2013. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/experiencias/comunidade-se-transforma-em-bairro-educador/>. Acesso em: 02 jun. 2025.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; MARTINS, Ida Carneiro; GIMENEZ, Roberto. Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 27, n. 51, p. 1–22, 2024.

FANTON, H. Heliópolis. **WIKIfavelas**, 2025. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Heli%C3%B3polis#:~:text=A%20Fundação%20A7%C3%A3o%20Seade%20classifica%20a,%C3%ADndice%20de%20pobreza%20e%20mis%C3%A9ria>. Acesso em: 02 de jun. 2025.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009. 196p.

FURLAN, R. A questão do método na psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 25-33, jan./mar. 2008.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010.

GATTI, B. A. A pesquisa em Educação e o campo da formação de educadores: diálogos com Marli André. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, Belo Horizonte, V. 13, n. 28 (p. 47-56) 31 dez. 2021.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GUERRA, V. N. A. **Adolescências e violências**: desafios da mediação nas práticas educativas. São Paulo: Cortez., 2017.

MINAYO, M. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.3, mar.2012, p.621-626.

MIGLIAVACCA, Eva Maria. Breve reflexão sobre o setting. **Bol. psicol** [online], v..58, n.129, pp.219-226, 2008.

MORAIS, M.; PIMENTEL, L. Um estudo bibliográfico sobre o abandono afetivo na vida dos filhos. **RACE: interdisciplinar**, [S.I.], 2024. Disponível em: <https://unifasc.edu.br/wp-content/uploads/2024/05/12-UM-ESTUDO-BIBLIOGRAFICO-SOBRE-O-ABANDONO-AFETIVO-NA-VIDA-DOS-FILHOS.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2025.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. – Porto Alegre: AMGH, 2013.

PINTO, G. Tudo passa pela educação, incluindo a diversidade. **UNAS (Heliópolis e região)**, Edição Douglas Cavalcante, 14 de set. de 2023. Disponível em: <https://www.unas.org.br/single-post/tudo-passa-pela-educacao-incluindo-a-diversidade>. Acesso em: 02 jun. 2025.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.


ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não-Violenta**. 2. ed. São Paulo: Ágora, 2006.


SALLES, A. CASTELO, L. Privacidade e confidencialidade nos processos terapêuticos: presença da fundamentação bioética. **Rev. Bioét.** vol.31, Brasília, 2023.

TANAMACHI, E. R. Mediações teórico-práticas de uma visão crítica em Psicologia Escolar. Em M. P. R. Souza, E. R. Tanamachi & M. Rocha (Orgs.), **Psicologia e Educação: Desafios teóricopráticos** (pp. 73-103). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Credenciais da/os autora/es

Caique Santos Ferdinando. Psicólogo Clínico, graduado em Psicologia (Uninove), Mestrando em Educação (Unicid).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0550-9244> E-mail: caique.santos2511@gmail.com

Leonardo Felipe Duarte. Professor de ensino fundamental e médio na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, graduado em Pedagogia (Unisa); Ciências Sociais (UFMS), Mestre em Educação (Unicid). Doutor em Educação (UFMS)  Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0550-9244> E-mail: leonardofelipe900@gmail.com

Recebido: 26/09/2025.

Aceito: 13/03/2025.